

INCLUSÃO DIGITAL E COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO EM SÉRIES INICIAIS

Alaine Maria Ferreira Machado

Graduada em Biblioteconomia
Consultora em Gestão Editorial
alainebiblio@gmail.com

Tereza Cristina Melo dos Santos

Graduada em Biblioteconomia
Técnica em Laboratório - LHM
melo.tete@hotmail.com

Ronaldo Ferreira de Araujo

Doutorando em Ciência da Informação
Professor Assistente do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal de Alagoas
ronaldffa@gmail.com

Relato de Pesquisa

Resumo

Reflete sobre a contribuição da inclusão digital e da competência informacional para o contexto educacional, no âmbito da alfabetização em séries iniciais. Analisa por meio de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, no emprego da técnica de grupo focal e de questionários, as implicações do processo de inclusão digital na Escola Maria de Fátima Lira (EMFL), tendo como sujeitos: alunos (16), professor de informática (1) e coordenadora (1). Foi verificado que a escola desempenha um papel importante de inclusão digital garantindo o acesso dos alunos ao computador e à internet. Alguns alunos já demonstram competência no que tange à autonomia. O professor de informática e a coordenadora reconhecem a importância da inclusão digital no processo de formação dos alunos, mas alertam à necessidade de investimento, planejamento e envolvimento da escola como um todo.

Palavras-chave

Inclusão digital. Competência informacional. Informática na educação.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão digital pode ser inicialmente relacionada à inserção de pessoas no contexto informacional. O debate sobre a sociedade da informação ampliou essa noção por reconhecer não apenas o acesso e uso das tecnologias.

As crianças de hoje possuem uma afinidade natural com a tecnologia, pois já crescem nesse novo ambiente digital, e de acordo com Tapscott (2010, p. 10) “elas já estão aprendendo, brincando, se comunicando,

trabalhando e criando comunidades de forma muito diferente da de seus pais”.

Tais considerações apresentam implicações para o contexto educacional, sobre tudo no processo de alfabetização que deve ser repensado e revisto principalmente, o papel dos professores e alunos que sofre alteração na aplicação dos recursos tecnológicos. Segundo Chaves, 2007, p. 02, normalmente, quando se usa a expressão “Tecnologia na Educação” dificilmente se pensa em giz e quadro-negro, a atenção se concentra no computador, que se tornou o ponto de convergência de todas as tecnologias.

Conforme Rêbello (2005, p. 01): “[...] incluir digitalmente não é apenas ‘alfabetizar’ a pessoa em informática, mas também melhorar os quadros sociais a partir do manuseio dos computadores [...]”. Desse modo, Inclusão Digital não é colocar um computador na frente de indivíduos, é preciso ensiná-los a utilizar os programas, habilitando-os quanto ao uso do computador e da informação eletrônica como ferramenta imprescindível no crescimento pessoal e social.

O presente trabalho busca compreender a iniciação da inclusão digital dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental público em processo de alfabetização, objetivando que cada vez mais, alunos possam ser incluídos na nova era informacional no intuito de prepará-los como sujeitos conscientes dos seus direitos e deveres diante da sociedade.

2 INCLUSÃO DIGITAL E COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

As tecnologias da informação ganharam considerável espaço no contexto brasileiro, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com o barateamento dos microcomputadores (e computadores individuais) e o advento da internet visualizamos uma nova sociedade informacional e com isso uma preocupação no sentido de capacitar usuários. Possuir o conhecimento necessário para utilizar essas tecnologias denotava um diferencial importante na competição por uma vaga profissional.

De acordo com Sirihal Duarte (2007, p. 102): [...] hoje se fala em “Inclusão Digital”, expressão que engloba não somente a possibilidade de acesso à tecnologia, mas principalmente acesso à informação produzida e disseminada no contexto digital, ou seja, através da tecnologia.

O termo "inclusão" veio se concretizar a partir do lançamento do Livro Verde do Programa Sociedade da Informação no Brasil, em 2000, onde o país incorpora em sua agenda política a universalização do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a promoção da "alfabetização digital"

da população, tendo como objetivo a garantia de que a economia brasileira apresentasse condições de competir no mercado mundial.

De acordo com Bonilla, (2009, p. 02): promover uma iniciação da população, quanto ao uso das tecnologias, não deixa de ser uma ação social válida [...]. Levando em consideração a vertente da inclusão digital torna-se necessário que as escolas públicas estejam estruturadas dentro do contexto da alfabetização digital, para que seus alunos, diante dessas tecnologias sejam inseridos nessa nova sociedade informacional, desse modo,

a inclusão digital deve estar integrada aos conteúdos curriculares. Cada unidade de ensino deve construir o seu projeto político pedagógico tomando como norte os processos para a inclusão digital, atendendo as necessidades da localidade na qual está inserida. Deve-se questionar sobre implicações ideológicas e suas repercussões no processo de ensino e aprendizagem. As principais recomendações neste sentido implicam na modificação do ambiente educativo, de modo que se torne adequado ao uso das tecnologias. (XAVIER, 2005, p. 3).

Na Educação recomenda-se a necessidade de que a presença de computadores na escola seja encarada como um meio auxiliar no processo educacional, e que jamais deveria ser visto como um fim em si mesmo, e, como tal, deveria submeter-se aos fins da educação e não determiná-los. Reforçava-se ainda a ideia de que “o computador deveria auxiliar o desenvolvimento da inteligência do aluno, bem como desenvolver habilidades intelectuais específicas requeridas pelos diferentes conteúdos” (BONILLA 2009, p. 05 apud MORAES, 1993, p. 20).

A inclusão Digital incorporada aos conteúdos desenvolvidos no âmbito escolar apresentam elementos geradores de mudança no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para formação do aluno, aumentando sua capacidade intelectual de pensar, agir, criticar e se manter diante da

sociedade, alcançando novos horizontes e evoluindo como pessoa.

O termo competência informacional (*information literacy*) foi usado primeiramente nos Estados Unidos para designar às habilidades ligadas ao uso da informação eletrônica. Ultimamente a classe Bibliotecária tem-se utilizado desse termo, pois nos dias atuais a Biblioteconomia tem passado por mudanças que vêm exigindo o surgimento de termos que representem de forma nítida as atividades que são realizadas pelos profissionais da informação.

"alfabetização informacional" em um texto em que advertia às bibliotecas universitárias que se preparassem para a ampliação do conceito de educação de usuários, desenvolvendo nos alunos habilidades informacionais para interagir nesse novo ambiente digital. (CAMPELO, 2003).

Na perspectiva da biblioteca escolar, Campello (2002) apresenta o termo competência informacional, sinalizando para o potencial desse conceito como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação no século XXI.

Sendo assim, a tecnologia pode ser um dos instrumentos que irá potencializar o acesso à informação nesse novo ambiente e cabe aos Bibliotecários planejar estruturas para a aprendizagem através da tecnologia em atividade conjunta com professores e dirigentes.

A competência informacional se faz necessária para a inserção do indivíduo no contexto da informação eletrônica contribuindo no processo de ensino e aprendizagem de modo a cooperar com a continuidade da educação formando assim, cidadãos competentes para que cada vez mais adquiram habilidades para realização e uso contínuo de suas próprias pesquisas buscando sempre o conhecimento de maneira adequada e efetiva.

O papel do bibliotecário e sua interação com o usuário é de fundamental importância por ser o mediador da informação estando preparado para desempenhar suas funções e acompanhar o aluno no processo de

construção do conhecimento atuando de maneira eficaz no intuito de tornar cidadãos capazes de usar a informação de maneira cada vez mais autônoma.

3 A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Muitas escolas do Brasil já possuem laboratório de informática com acesso à Internet, softwares educacionais e programas básicos. Vale destacar a importância de um plano pedagógico que envolva a utilização do computador e seus recursos. O computador apenas como uma ferramenta, sozinho, não é capaz de trazer avanços educacionais. A escola deve utilizá-lo como recurso didático necessitando capacitar os professores para utilização dos recursos oferecidos por este sistema tecnológico. Assim,

as tecnologias formam o motor da transformação que está ocorrendo no mundo e também na educação. Mas, na verdade, o que importa no final são as inovações, e não as tecnologias; pois representam a transformação nas maneiras de ensinar e aprender, enquanto as tecnologias proporcionam somente meios e o novo contexto para esses processos (XAVIER, 2005, p. 5).

O aluno não pode ser um mero digitador, mas sim, ser estimulado a produzir conhecimentos com a adoção das TIC's. Neste sentido, o professor deve agir como um orientador do projeto que está sendo desenvolvido. Verifica-se que, mais recentemente no Brasil, começa a aparecer nos projetos governamentais à perspectiva de promover inclusão digital nas escolas públicas. No entanto, ainda continua a percepção de que inclusão digital está uma dimensão e educação em outra (BONILLA, 2009, p. 3).

Observa-se que a sociedade atual passa por um processo de transformações tecnológicas, exigindo uma melhoria da qualidade da educação e uma ação imediata de seus governantes em relação às TICs, criando oportunidades de interação para estudantes com o contexto digital.

A informação adquirida durante o período escolar modifica o cognitivo do indivíduo, aumentando sua capacidade crítica, tornando-o uma pessoa capaz de discordar ou concordar com tudo aquilo que lhe é proposto. E dessa maneira alcança grandes descobertas, evoluindo como pessoa. Os avanços tecnológicos vêm contribuir para facilitar que essa evolução aconteça.

A informática tem sido cada vez mais necessária na vida do indivíduo, seu uso compõe um dos elementos tecnológicos geradores de mudanças no processo de ensino e aprendizagem. Com isto, o ambiente escolar começa a se organizar em espaço estratégico para o acesso da inclusão digital, contudo, para transformar a escola num local de inclusão digital, não bastam ter acesso às TICs, serão necessários investimentos na democratização do uso e na formação dos professores.

O acesso às TICs promove a aprendizagem, trazendo facilidade, produzindo a informação, auxiliando na pesquisa que se estabelece entre as habilidades, gerando mudanças individuais e sociais possibilitando o conhecimento e valores que promovem a aprendizagem (PADILHA, 2008).

A escola precisa acompanhar o processo da inclusão das tecnologias informacionais desempenhando seu papel, não ficando alheia a esta evolução. É imprescindível a inserção de políticas e ações que promovam essa educação digital, inserindo o computador no cotidiano pedagógico da escola.

4 MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo trazendo abordagens predominantemente qualitativas. Buscou-se integrar a averiguação com a coordenadora, o professor do laboratório de informática e os alunos das séries iniciais do ensino fundamental público da Escola Maria de Fátima Lira no que diz respeito à iniciação desses alunos na inclusão digital com a adoção das TICs.

Para a averiguação das implicações do processo de inclusão digital no laboratório de informática na percepção dos alunos, utilizou-

se a técnica avaliativa de Grupo Focal, a partir de um roteiro semi estruturado buscando visualizar as percepções e impressões dos alunos relacionados com a tecnologia. Procedeu-se também a aplicação do Questionário como instrumento de coleta de dados junto ao professor do laboratório de informática e à coordenadora da escola, como fundamentação para um melhor entendimento das questões relacionadas à informática na educação e aos alunos.

Empregou-se ainda a técnica de observação participante no acompanhamento dos alunos na sala de aula regular buscando compreender as diferenças com que eles lidam no processo de ensino e aprendizagem com e sem os recursos das TICs.

O questionário foi entregue a coordenadora e ao professor permitindo assim que as respostas fossem escritas no momento em que julgassem mais conveniente com o prazo de uma semana para a entrega.

O GF foi aplicado no dia 07 de agosto de 2012 e contou com 16 participantes divididos em 2 grupos de 8 alunos cada. O tempo de duração da gravação total foi 26 minutos e 47 segundos, sendo 14 minutos e 47 segundos para o primeiro grupo e 12 minutos para o segundo.

O local para a realização do GF foi o próprio laboratório de informática da Escola Maria de Fátima Lira, onde os alunos possuem aula num determinado dia da semana. O ambiente estava com um pouco de interferências sonoras, pois neste mesmo horário havia aula de educação física no pátio da escola. As cadeiras foram dispostas em círculo sendo possível visualizar melhor cada criança.

No primeiro momento os participantes do GF foram informados a respeito da pesquisa em investigação e foram lembrados de que todo o procedimento seria gravado, foi pedida a colaboração de todos os participantes e que todas as respostas seriam aceitas.

O GF se iniciou com os grupos compostos por oito alunos, possuindo assim características em comum como a idade que corresponde entre 6 e 7 anos e o mesmo nível de escolaridade.

No segundo momento foi feita uma dinâmica de grupo para que os alunos se sentissem mais a vontade no ambiente da pesquisa. No terceiro momento iniciamos com a pergunta do roteiro de discussão do grupo focal. O nome dos participantes foi omitido para assegurar o anonimato, serão chamados pelas letras que correspondem ao alfabeto.

5 RESULTADOS

Os resultados são apresentados em três dimensões. A primeira e a segunda com base no GF aplicado com os alunos envolvendo: a inclusão digital na perspectiva do acesso e uso e motivações; e as contribuições do uso que feito na escola. Por fim têm-se as falas do professor de informática e da coordenadora sobre as implicações das TICs para a inclusão digital e competência informacional na escola.

5.1 O acesso, o uso e as motivações

A primeira bateria de perguntas do Grupo Focal esteve relacionada com o computador, internet, o tempo de uso e o que os alunos mais gostam e o que menos gostam de fazer quando estão utilizando o computador. Após questioná-los, verificou-se que sete alunos (**A, B, G, E, I, F e L**) possuem computador em casa, oito alunos informaram que somente utilizam o computador na escola e apenas um aluno, o aluno **D**, informou que utilizava o computador na casa de um parente.

De acordo com Sirihal Duarte (2007), antes se falava em "democratização da informática" no sentido de propiciar a uma maior parcela da população o acesso ao ambiente computacional e as suas ferramentas de trabalho, hoje se fala em "inclusão digital", procedimento que engloba inicialmente a possibilidade de acesso à tecnologia. Percebemos no caso aqui estudado que é a escola que desempenha esse papel de garantir o acesso à tecnologia para a maioria desses alunos, sendo por sua vez, a responsável, já nas séries iniciais, em reduzir o analfabetismo digital dessas crianças.

Com relação ao tempo que os alunos passam utilizando o computador e se usam

internet, o aluno **E** de imediato fez um sinal de positivo com polegar direito da mão informando que seu computador possuía sim internet; o aluno **D** informou até mesmo o horário que fica no computador: as 08:00 horas da manhã. É perceptível o quanto eles demonstram total interesse por esse novo ambiente de aprendizagem e se fosse por decisão própria, provavelmente passariam muito mais tempo utilizando o computador.

A pergunta sobre o que eles mais gostam de fazer quando estão usando o computador agradou e todos levantaram as mãos informando o que mais gostam de fazer, e as duas atividades mais mencionadas foram: pintar e jogar no computador. No estudo realizado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (GTI BRASIL, 2009, p. 33) que mapeou pela primeira vez o uso das TICs por crianças entre 5 e 9 anos, o resultado é semelhante, apontando os jogos como os recursos mais utilizados. A maioria dos alunos informou que gostam de passar tempo nas redes sociais como o facebook e o Orkut. A aluna **F** gosta de ver vídeos com a prima.

Os alunos não fizeram nenhuma referencia quanto ao que não gostam em relação ao computador, apenas o aluno **E** expressou ter dificuldades em manusear o mouse. A aluna **H** informou que: "o jogo de carro é chato, de tiro é chato, de vampiro também é chato". É possível relatar que realmente os alunos que possuem computador em casa se sentem motivados em demonstrar como o computador modificou o seu cotidiano, sendo que a maioria por não possuir computador em casa ficou um pouco introvertida e realmente não tem o que falar, pois não vivenciam desse momento como os coleguinhas que possuem um contato maior com o computador. Vale ressaltar que todos os jogos passados pelo professor de informática são jogos educativos e tem como base auxiliá-los nas disciplinas da sala de aula regular.

5.2 Contribuições na inclusão digital: uso na Escola

Na segunda bateria de perguntas entramos no ambiente escolar informando que a escola é o espaço no qual a criança adquire

uma relação sócio cultural contribuindo para o desenvolvimento e a informática na escola é fundamental tanto para os alunos quanto para os professores, tornando-se um meio de estudo e pesquisa. Sabendo disso, foi perguntado se eles gostavam das tarefas que o professor da sala de informática passava e todos foram enfáticos em responder que “sim”.

Não foi possível obter dos alunos suas opiniões em relação à aula de informática de modo a contribuir com as outras disciplinas da sala de aula, a pergunta não foi respondida pelos alunos. De acordo com o professor de informática “as atividades na sala de informática estão dentro do contexto pedagógico, em comunhão com a sala regular auxiliando no processo de alfabetização”.

A pergunta sobre eles utilizarem o computador sozinho despertou o interesse deles e a maioria informou que sim, utilizam o computador sozinho. O aluno **E** relatou: “meu pai dorme e eu fico no computador”. Outras declarações foram faladas como: “eu só saio do computador oito horas da noite”. Sobre a pergunta quem ajuda vocês a usar o computador, os alunos **E** e **N** informaram que ficam sozinhos mesmo e o aluno **F** ainda reforçou: “meu pai não me ajuda não”. A aluna **P** esclareceu: “eu uso com a minha prima”. Os demais alunos utilizam apenas no laboratório de informática e o professor sempre ajuda na resolução dos problemas.

Conforme Campello (2003) o indivíduo que lida com as tecnologias informacionais é capaz de usar a informação para aprender, atuando de maneira eficaz com a intenção de tornar cidadãos capazes de usar a informação adquirindo cada vez mais autonomia. Percebemos que a autonomia já começa a ser formada em alguns dos alunos que já não fazem questão de alguém para auxiliá-los no uso do computador.

Foi perguntando se eles acham mais fáceis as tarefas da sala de informática ou da sala de aula, todos os alunos foram enfáticos em responder que as tarefas da sala de informática são muito mais fáceis. O aluno **J** respondeu: “lá é mais difícil” (referindo-se a sala de aula).

Em diálogo, a partir da observação dos alunos na sala de aula regular e no laboratório de informática, foi possível perceber como as TICs facilitam o processo de alfabetização e o reconhecimento por parte dos alunos do conteúdo aprendido, podemos exemplificar com o caso do aluno **D**, que na sala de aula regular não conhecia o alfabeto completo, e por outro lado mostrou-se bastante ágil em conhecê-los no computador, afirmando que: “essas letrinhas daqui eu sei, mas as da sala de aula não”.

5.3 TICs na escola: inclusão digital e competência informacional

A informática na educação é uma área forte em pesquisas e investimentos, e o componente tecnológico oferece inúmeros benefícios à formação escolar. O professor de informática da escola, ao apresentar sua concepção sobre inclusão digital, deixa claro sua visão sobre a contribuição da mesma na formação dos alunos, uma vez que segundo ele: “por meio das tecnologias é possível trabalhar dentro do processo de ensino-aprendizagem com sensibilidade e conhecimentos adequados para auxiliar as possíveis dificuldades surgidas”.

Ao responder sobre a capacitação dos professores e ao plano pedagógico no que se refere à inclusão digital e a competência informacional a coordenadora afirma que: “ainda não há uma proposta pedagógica sistematizada para o laboratório de informática, não houve nenhum curso de formação para o coletivo de professores e que apenas um professor foi preparado e o mesmo é quem trabalha com todos os professores da Escola”.

No que se refere aos possíveis entraves encontrados para aliar tecnologia à educação, a coordenadora assegura que: “os desafios são inúmeros. Primeiro que todos percebam que as tecnologias são reais e que podem ser grandes aliados da educação (os mesmos já são instrumentos educadores). Segundo que se pense numa proposta organizada de trabalho que alie tecnologia à educação”.

De acordo com Meregalli, 2011, a inclusão digital nas escolas deve acontecer com

alunos e professores ao mesmo tempo. A utilização da tecnologia representa a transformação na maneira de trabalhar a educação, objetivando adaptações dos meios didáticos contribuindo para a formação de professores e alunos.

A ausência de capacitação dos demais professores influencia diretamente na habilidade dos mesmos em lidar com a informática e seu potencial na formação e desenvolvimento da competência dos alunos.

O ProInfo¹ é um bom exemplo de um programa que une tecnologia e educação. Ao serem questionados sobre o programa a coordenadora demonstra mais uma vez sua preocupação quanto a capacitação dos professores e o planejamento afirmando que: “nenhum professor participou dessa formação e que falta acompanhamento das atividades desenvolvidas, falta continuidade na formação dos professores”; e o professor de informática, por sua vez ressalta que “o programa é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno em sua vivência escolar. mas sua melhor utilização se daria com mais capacitação para os professores, para que os mesmos possam aplicá-lo com mais efetividade em seu plano pedagógico”.

O professor de informática demonstrou ainda sua visão sobre a ação da inclusão digital ampliando os horizontes dos professores e alunos da escola, compreendendo: “a Inclusão Digital como uma ponte que liga o indivíduo através da informática a era da tecnologia, fornecendo metas para o conhecimento e aprendizagem, permitindo que o mesmo seja inserido na sociedade com oportunidade para se desenvolver no campo proposto”.

Para entender a questão de forma mais localizada e prática, indagamos ao professor sobre como se dá a preparação, a pesquisa e utilização dos programas e sites repassados aos alunos e o mesmo afirmou ser feito: “a partir do planejamento das disciplinas trabalhadas na sala regular, é feita a elaboração das atividades

a serem realizadas na sala de informática dentro do contexto pedagógico”.

Sobre o acompanhamento com os alunos em processo de alfabetização o professor explicou que “as práticas na sala de informática são realizadas de acordo com os propósitos educacionais da escola, desenvolvendo o processo de alfabetização através do lúdico, fazendo o uso de estratégias adequadas para propiciar ao aluno a aprendizagem”.

Por fim, ao ser perguntado sobre se é possível avaliar o grau de competência informacional desses alunos, o professor informou que: “tendo em vista as oportunidades de acesso às tecnologias que ainda são poucas, é difícil avaliar o grau de informação dos alunos, uma vez que a Inclusão Digital não é realidade para alguns”.

Além do papel do laboratório de informática no desenvolvimento da competência informacional, sabe-se que a biblioteca escolar sinaliza para o potencial desse conceito como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação no século XXI, tendo em vista sua função educativa (CAMPELO, 2002; 2003).

A coordenadora protesta que a Escola Maria de Fátima Lira não possui biblioteca, “apenas uma sala com livros. Porém falta um funcionário que conduza o uso desse espaço”, e que apesar de existir a Lei 12.244/10 onde afirma que todas as instituições de ensino do país, serão obrigadas a manter uma biblioteca escolar, “não adianta existir apenas a lei. É preciso, sobretudo, que se compreenda a importância desse espaço (biblioteca) para a vida da comunidade escolar. não vale ter apenas uma sala com alguns livros. É necessário dar vida ao espaço, ter funcionário para trabalhar e permitir que todos usem”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao acompanhamento na sala regular, verificou-se que alguns alunos não tinham o desempenho esperado, apresentavam dificuldade de reconhecer algumas letras do alfabeto, inclusive as iniciais do próprio nome,

¹ Programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462>.

enquanto que os demais alunos estavam na média destinada.

No acompanhamento das aulas de informática, observou-se que o professor de informática prepara suas aulas de acordo com a necessidade dos alunos, fazendo com que ele e a professora da sala regular trabalhem em comunhão. Constatou-se também que os alunos ficavam entusiasmados com as aulas na sala de informática mostrando bastante interesse nos jogos educativos apresentados. Jogos esses que são frequentemente mudados para que os alunos tenham uma maior diversidade e para que o aprendizado não se torne monótono.

No grupo focal confirmou-se a hipótese que no contexto de inclusão digital, os alunos que têm um contato maior com o computador conseguem um melhor desempenho a partir dos recursos tecnológicos existentes, e por sua vez, obtêm a resolução dos problemas mais rapidamente. Além disso, a escola que mantém uma sala de informática em funcionamento constante, tem alunos mais motivados e mais bem preparados futuramente para o mercado de trabalho.

De acordo com a coordenadora e o professor da sala de informática da escola percebe-se que há uma conscientização relacionada ao programa PROInfo, entretanto, ressaltam que o programa poderia ser mais

satisfatório se houvesse mais cursos de capacitação com a finalidade de atingir os objetivos da inclusão digital na escola com desenvolvimento satisfatório de professores e alunos.

Percebe-se que é necessária uma conscientização maior por parte dos professores em relação à capacitação nas novas ferramentas tecnológicas e uma ação mais direta do governo promovendo mais cursos para capacitar esses professores, tornando-se imprescindível o acompanhamento semanal das atividades desenvolvidas e uma inspeção anual para a obtenção de resultados, promovendo mudanças para adequação de melhorias nas atividades propostas, mudanças essas, cada vez mais significativas.

É através dessa oportunidade de acesso à tecnologia que os alunos se sentem cada vez mais vislumbrados em conquistar seu espaço na era tecnológica, para esses alunos não é apenas uma brincadeira de jogos de computador, é uma nova forma de aprender, bem mais rápida e fácil, pois, eles aprendem brincando, esse é o diferencial que motiva. Desse modo, conclui-se que toda essa tecnologia convoca um tipo de educação para a diversidade e, portanto contribuindo para tornar sujeitos conscientes e integrados socialmente.

DIGITAL INCLUSION AND INFORMATION LITERACY IN THE EARLIER SERIES CONTEXT

Abstract

This paper reflects about the contribution of digital inclusion and information literacy to the educational context for literacy in the early grades. Analyzes through a field research with qualitative approach, the use of focal group technique and questionnaires, the implications of the process of digital inclusion at Fatima Maria Lira Public School with students (16), informatic's teacher (1) and principal (1). It was found that the school plays an important role in digital inclusion by ensuring student access to computers and the internet. Some students have demonstrated competence in relation to autonomy. The computer teacher and coordinator recognize the importance of digital inclusion in the training process of students, but warn of the need for investment, planning and involvement of the school as a whole.

Keywords

Digital inclusion. Information literacy. Informatics in education.

Artigo recebido em 09/06/2014 e aceito para publicação em 29/09/2014

REFERÊNCIAS

- BONILLA, Maria Helena Silveira. Inclusão digital nas escolas. In: Antonio Carlos Ferreira Pinheiro; Mauricéia Ananias. (Org.). **Educação, direitos humanos e inclusão social: histórias, memórias e políticas educacionais**. 1 ed. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2009, v. 2, p. 183-200.
- BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Presidência da República. Brasília, DF, 24 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm> Acesso em: 15 jun. 2012.
- CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da informação**, v.32, n. 3 Brasília, set./dez. p.28-37, 2003.
- _____. ABREU, V. L. F. G. Competência informacional e a formação do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n.02, p. 178-193, 2005.
- CHAVES, Eduardo Oscar de Campos. **A Tecnologia e a Educação**. 2007. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Contnuada/Tecnologia/chaves-tecnologia.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2012.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil TIC crianças 2009**. São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-criancas-2009.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2012.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.** [online]. 2003, vol.32, n.1, pp. 23-35. ISSN 0100-1965. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2012.
- MEREGALLI, Ana Claudia [et.al.]. A inclusão digital na educação infantil. *Revista virtual agora*. Porto Alegre. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/revistavirtualagora/materiais/infantil_grupo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- MOTA, Francisca Rosaline Leite. Bibliotecários e professores no contexto da biblioteca escolar: uma interação possível e necessária. In: Seminário Biblioteca Escolar Espaço de Ação Pedagógica, 2004, Belo Horizonte. **Anais do II Seminário Biblioteca Escolar Espaço de Ação Pedagógica**, 2004.
- PADILHA, Cristiane. Primeiro mapa conceitual. 24 jul. 2008. Disponível em: <<http://cris-inclusaodigital.blogspot.com.br/2008/07/primeiro-mapa-conceitual.html>> Acesso em 27 jul. 2012.
- RÊBELO, Paulo. Inclusão Digital: o que é e a quem se destina. UOL Webinsider. 12 maio 2005. Disponível em: <<http://webinsider.uol.com.br/2005/05/12/inclusao-digital-o-que-e-e-a-quem-se-destina/>>. Acesso em: 22 ago 2011
- SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Inclusão Digital e Competência Informacional: Estudo de usuários da informação digital. In: **Anais do X Enancib: Responsabilidade social da Ciência da Informação** (out./2009: João Pessoa, PB) / Gustavo Henrique de Araujo Freire (Org.) João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2009.
- _____. Informação, sociedade e inclusão digital. In: Alcenir Soares dos Reis; Ana Maria Rezende Cabral. (Org.). **Informação, Cultura e Sociedade: interlocações e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007, v., p. 101-121.
- SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: LIVRO VERDE. Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília. 2000.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

XAVIER, Karine. Inclusão Digital nas escolas públicas: Uma questão Social. **Tecnologia Educacional**. v. 170 / 171, p. 47-54, 2005.